

# **Apresentação**

---

**Narrativas e reflexões: Da fala  
da música aos meandros  
do desenho**

## Narrativas e reflexões: Da fala da música aos meandros do desenho

Maria Lucia Bueno<sup>1</sup>  
Renata Oliveira Caetano<sup>2</sup>  
Marta Castello Branco<sup>3</sup>

A presente edição da revista Nava, em versão dupla, reunindo dois números, dois dossiês, além dos escritos de artista e artigos avulsos, tem um caráter comemorativo porque assinala a primeira publicação do nosso periódico na plataforma SER, ampliando o escopo de difusão, que até então esteve restrito ao site do Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens, da UFJF. O primeiro dossiê, O desenho em perspectiva, foi organizado por Renata Oliveira Caetano e Maria Lucia Bueno. O segundo, A fala da música, tem a assinatura de Marta Castello Branco, que também é a editora desta revista, juntamente com Rosane Preciosa Siqueira. A capa do número é uma imagem de Teresa Poester, extraída do ensaio da artista, A Boîte à dessin do Atelier D43, que também está publicado neste volume.

O dossiê O desenho em perspectiva teve como norte e inspiração o ensaio Du Disegno au Dessin escrito em 2004 pela filósofa e historiadora da arte francesa Jacqueline Lichtenstein (1947-2019), no qual enfatiza o sentido expandido do desenho desde as suas origens mais remotas. No ensaio - cuja tradução encontra-se publicada na abertura deste volume da revista Nava - a autora inicia a reflexão destacando algumas significações que a palavra "desenho" carrega em si com a finalidade de realçar o caráter polissêmico do termo. Outro aspecto destacado é de como as relações ancestrais do desenho com a pintura foram responsáveis por concepções restritas do desenho, que fundamentaram muitas das interpretações correntes.

1

Maria Lucia Bueno é doutora em Ciências Sociais e professora associada do Instituto de Artes e Design e dos Programas de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens PPG-ACL e em Ciências Sociais PPG-CSO da Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, MG.

2

Renata Oliveira Caetano é doutora em História da Arte e professora do Colégio de Aplicação João XXIII (UFJF) e do Programa de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, MG.

3

Marta Castello Branco é doutora em Música e professora adjunta do Instituto de Artes e Design, do Bacharelado em Música e do Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens PPG-ACL, da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.



Narrativas e reflexões:  
Da fala da música aos meandros do desenho

Maria Lucia Bueno  
Renata Oliveira Caetano  
Marta Castello Branco

Seguindo a etimologia da palavra italiana disegno, percebe-se que seu sentido inicial era bem mais amplo do que aquele que circula atualmente, a saber, desenho como linha, traçado ou contorno. Uma referência a parte mecânica do desenho, mas que não corresponde ao sentido maior do conceito original de disegno, ou seja, de uma representação mental reveladora do espírito ou da imaginação do artista.

A palavra e a concepção original italiana estava identificada com o conceito de ideia, compreendido como um ato puro do pensamento, tornado visível pela participação mecânica da mão. Essa divisão entre os aspectos intelectuais e os mecânicos se desenvolveu posteriormente, adquirindo diferentes nomenclaturas e teorizações ao longo dos anos. Mencionamos, entre outras, as perspectivas de Vasari, de desenho material e espiritual, e a de Zucaro, de desenho interno ou externo. A historiadora aponta que foram nessas concepções primeiras que se respaldou o principal argumento que passou a definir a pintura como a “arte do desenho”, algo que incide diretamente na hierarquia estabelecida no Renascimento em torno da linha e da cor. Assim, os teóricos da época afirmavam a superioridade do desenho, a partir de sua natureza intelectual, sendo que a proximidade da pintura com esse princípio, a vincularia à uma arte liberal e não mais mecânica.

Tal querela, vai se desdobrar na França, como a autora demonstra, a partir do uso da palavra *dessein*. Esse termo francês que, assim como o *disegno* italiano, conservaria tanto o sentido material quanto o intelectual, foi usado até a metade do século XVIII. Entretanto, França e Itália tratariam de forma diferente o embate entre desenho e cor, em contextos acadêmicos distintos. Lichtenstein destaca que ao longo do século XVII o discurso do desenho interno e externo seria diluído, reduzindo a prática à uma dimensão mecânica da pintura. Seria o que se designou uma “vitória” dos coloristas que foi responsável por transformações importantes no começo do século XVIII, como demonstra a autora. A primeira delas seria a passagem da grafia francesa de *dessein*, para *dessin*. A outra seria a transformação da forma de se pensar o desenho, que passa a ser percebido por seu valor expressivo, afastado da ideia de expressão enquanto representatividade, como se estabeleceu ao longo do século XVII. Tal mudança, teria coincidido com o interesse dos colecionadores pelos esboços, algo que seria importante para redefinir a maneira como assimilamos obras de arte.



Narrativas e reflexões:  
Da fala da música aos meandros do desenho

Maria Lucia Bueno  
Renata Oliveira Caetano  
Marta Castello Branco

Na conclusão da argumentação, Lichtenstein assinala como se deu o ressurgimento, no século XIX, do conflito entre o desenho e a cor a partir do retorno da definição clássica de *disegno*. Contudo, os fundamentos desse conflito teriam sido fortemente questionados pelas ideias “modernas”, pois os pintores desvinculados dos ensinamentos acadêmicos vão além e suprimem a distinção entre desenho e cor, ou, da luz e da cor. Para além disso, a autora indica o movimento cíclico da História que vai fazer reaparecer a concepção de desenho (*disegno*), principalmente na arte conceitual. Trata-se de um texto fundamental para a compreensão dos usos variados do termo “desenho” ao longo da história da arte e de como essa variação entre as noções afetou o nosso olhar sobre a questão nos dias de hoje.

O ensaio de Jacqueline Lichtenstein abre o dossiê com um panorama histórico europeu. Trazendo a discussão para o contexto brasileiro, prosseguimos com um registro histórico de Ana Mae Barbosa, a principal referência intelectual na constituição do campo da arte-educação entre nós. Em *Ensino do Desenho e da Arte no Brasil* a autora traça um quadro amplo da trajetória do ensino do Desenho e da Arte no Brasil desde o século XIX até a atualidade. O texto destaca, entre outros, os fatores mais relevantes que contribuíram para o desenvolvimento desse universo, assim como, as principais ideias que nortearam suas experiências, apontando, inclusive, passagens da atuação da própria autora no campo da Arte-Educação no país.

A seguir, em *Rascunhos e correspondências: topografia do autorretrato rabiscado* a pesquisadora francesa Claire Bustarret, nos propõem uma reflexão sobre os diferentes níveis de relação entre escrita e desenho com o artigo. Trabalhando a partir da comparação entre dois tipos de *corpus* - as correspondências e os rascunhos - a autora tece uma análise sobre a presença do autorretrato na história da arte, pensado como marca no espaço gráfico, mas também enquanto “traço” comum de diversas modalidades de atividade escrita. Por meio de uma abordagem que enfatiza os aspectos descritivos, Bustarret elenca alguns exemplos, observando-os a partir de um princípio topográfico, analisando a disposição espacial da escrita e dos desenhos, apreendendo certas características comuns a essas práticas. Assim, verificamos como o rabisco não apenas ocupa a página, mas também cria uma suspensão criativa, transformando, dessa forma, os espaços no qual aparece.



Narrativas e reflexões:  
Da fala da música aos meandros do desenho

Maria Lucia Bueno  
Renata Oliveira Caetano  
Marta Castello Branco

Em *A musa hesitante: literatos desenhistas, o desenho como companheiro da literatura e as várias interações entre texto e imagem* André Tavares discorre sobre algumas necessidades que levariam à superposição ou eleição de meios distintos para a materialização do ato criativo. Aborda especificamente o caso dos escritores que usam palavras e desenhos em seus escritos e que transformam o assunto em tema de reflexão. Seu trabalho gira em torno da compreensão das especificidades do tempo de Cornélio Pena (1896-1958), que foi simultaneamente escritor, desenhista, gravador e pintor. Tavares, investiga como escritores artistas tratavam o desenho, o quanto eram capazes de conviver com essa prática ou se sentiam que em algum momento deveriam abandoná-la. Apresenta exemplos de escritores que desenhavam, tecendo considerações a partir deles sobre o diálogo e a potência existentes entre a escrita e a desenho dos escritores, elencando, inclusive, algumas reflexões sobre a prática, elaboradas por diferentes autores.

Ana Kifer analisa a experiência escrituraria de Antonin Artaud (1896-1948) em seus cadernos asilares, revendo o “descentramento” político-subjetivo que marcou o percurso do escritor, com o objetivo de interrogar de que modo essa experiência singular nos levaria a “repensar as concepções de texto e de escrita que vigoraram e ainda vigoram do século XX aos nossos dias.” O artigo *Em torno dos cadernos, a escrita ‘desfigurada’? o caso dos 503 cadernos de A. Artaud* examina como a prática da escrita com desenhos se intensificou na obra do autor nos seus últimos cinco anos. O estudo se respaldou em uma pesquisa profunda em torno de diferentes edições da obra de Artaud, com um olhar atento para a “espessura da parte textual”, deixando entrever seu valor estético e conceitual. Conclui propondo uma nova edição do material, algo que relacione a literatura e as outras artes no mundo contemporâneo, visando o caderno como um meio e não apenas um suporte.

No ensaio *Waltercio Caldas – Desenho de Desenho*, Gilton Monteiro analisa os desenhos do artista brasileiro buscando destacar alguns aspectos aos quais ele submete suas propriedades formais. Para o autor, a partir do diálogo estabelecido com recursos modernos e contemporâneos, Caldas confere ao desenho um tratamento *singular*, algo que torna possível compreendê-lo como uma das linguagens centrais em sua poética.



Narrativas e reflexões:  
Da fala da música aos meandros do desenho

Maria Lucia Bueno  
Renata Oliveira Caetano  
Marta Castello Branco

Em outra esfera, Rui Gonçalves, avalia a forma como a produção de têxteis das vanguardas modernistas têm chegado ao conhecimento do grande público através de exposições em museus de arte. Assim, o texto, *Os designs de têxteis das vanguardas modernistas: entre o objeto artístico e o objeto histórico* busca transpor a simplificação estética para apresentar questões esclarecedoras sobre esta produção plástica. Dar visibilidade aos artistas que atuavam também como designers, é um ponto central para compreender como suas expressões plásticas transitavam em objetos com fins utilitários entre outras questões.

O artigo *Uma coleção entre desenhos: Mário de Andrade e a organização de vestígios*, de Renata Oliveira Caetano, encerra o conjunto de textos agrupados em torno do desenho. O objeto de estudo da autora é a Coleção de Artes Visuais do escritor brasileiro Mário de Andrade. A seu ver esta coleção pode ser entendida como uma espécie de narrativa que corrobora com sua postura profissional em diversas frentes. Para tanto, a autora destaca a forma como o desenho atravessa o campo de compreensão do escritor em diferentes perspectivas. Entre ver e organizar há o princípio intelectual que se expande para além do conjunto de objetos. O artigo nos faz refletir sobre alguns aspectos da presença do desenho na Coleção Mário de Andrade, de forma a revisar o olhar lançado para determinados objetos e sua importância no grupo do qual fazem parte.

No segundo dossiê desta publicação - *A Fala da Música* - as reflexões se desenvolvem em torno do universo musical. Assim como na seção anterior, que os textos foram reunidos tendo como inspiração um ensaio de Jacqueline Lichtenstein, este segundo conjunto de artigos também possui uma matriz intelectual, que é o pensamento de Vilém Flusser.

Em 1963, Vilém Flusser publica seu primeiro livro, *Língua e Realidade*. Tendo vivido no Brasil por pouco mais de vinte anos, o judeu nascido em Praga, dá voz à experiência de aprender não apenas um novo idioma, mas de encontrar sua própria expressão através dele, o que inclui todo um ajuste de experiências que não se referem apenas às palavras, mas à forma como elas soam e assim tratam de co-construir o que compreendemos como 'real'. Flusser encontra o Brasil como alternativa à ocupação de seu país natal pelos nazistas, e em seu primeiro livro, o filósofo expressa a experiência 'migrante' (como ele se referia a si mesmo) de um senso de realidade que



Narrativas e reflexões:  
Da fala da música aos meandros do desenho

Maria Lucia Bueno  
Renata Oliveira Caetano  
Marta Castello Branco

não diz respeito exclusivamente ao exilado, mas que partilhamos, todos, ao migrarmos pelas diversas dimensões do falar.

Em *Língua e Realidade*, Flusser apresenta formas de nossa fala, que naturalmente não são exclusivamente verbais, mas que são, sobretudo, experiências da realidade. Assim, uma língua sensu lato não envolve apenas 'palavras', mas diversos outros símbolos, através dos quais também 'falamos'. Estes são representados em um gráfico (reproduzido abaixo, na figura 1) pelo horizonte das artes plásticas (à esquerda) e pela música (à direita) — mas note-se de antemão, que na representação de um globo, estas esferas se encontram e mantém-se conectadas. Sua localização vertical pervade todo o eixo da língua, de um silêncio inautêntico na parte baixa do gráfico a um silêncio autêntico bem no alto, passando assim do balbuciar à poesia, entre outras dimensões da língua.



FIG.1: Gráfico das Línguas. Flusser, 2007, p. 222

O extremo oriente do gráfico, a música, aponta para as sensações concedidas pela língua, à sua dimensão estética e à centralidade de uma expressão sonora na forma de exclamações, interrogações e acentuações

Narrativas e reflexões:  
Da fala da música aos meandros do desenho

Maria Lucia Bueno  
Renata Oliveira Caetano  
Marta Castello Branco

— todas presentes na fala das línguas flexionais. Flusser associa este aspecto musical da língua a um senso de realidade ao qual a fala parece nos remeter, e que interpretamos através de nossa própria voz ou na de outrem, quando os ouvimos falar. Estas diferentes pronúncias e inflexões comprazem entendimentos e percepções distintos do que chamamos 'realidade'. "Pois a melodia da língua portuguesa é diferente da alemã e por isso, tratam-se de dois mundos diferentes por princípio", esclarece Flusser (2017, p. 126). E é justamente a multiplicidade de relações possíveis entre 'princípios' e a criação de 'senso de realidade', que gera a vastidão da dimensão sonora na vida humana.

Neste sentido, apresentamos aqui uma 'fala da música', que desafia o risco de uma suposta universalidade estética, historicamente associada à dita "linguagem universal" da música. Uma dimensão sonora que perfaz todo o eixo da língua e que toma voz tanto em forma de conversa fiada quanto de oração, necessariamente se configura de forma plural, em diferentes vozes. Ela desafia qualquer inclinação imperialista que subjaz no ideal de universalidade, e justamente se deixa traduzir pelos diferentes "sotaques" de nossas músicas.

A criação de um 'senso de realidade', se relaciona diretamente à relação que estabelecemos com nosso entorno presente e imediato. O mundo e suas 'coisas' espelham o humano, ao mesmo tempo em que denunciam uma sensibilidade à beleza, como se lê em *Muito mais que ornamentos: uma reflexão sobre as "coisas" em O zoológico de vidro de Tennessee Williams*. O trabalho de Clovis Salgado Gontijo apresenta a relação cotidiana entre o ser humano e suas 'coisas', assim como os desdobramentos de tal relação. A imagem de um 'zoológico de vidro' tematiza a transparência de um 'senso de realidade' onde coisas falam por seus portadores e assim tocam a disciplina estética, como a investigação flusseriana de uma fala da música que perfaz toda a integridade do eixo da língua. Tanto na reflexão de Clovis Salgado Gontijo, quanto na peça de Tennessee Williams, que é descrita como uma "peça de lembrança", a música desempenha um papel relevante, na medida em que possui uma relação com o ato de recordar e com a atmosfera da recordação.

Esta mesma fala da música que se expressa através da disciplina estética, permite em seu amplo escopo que transformações sociais, políticas





Narrativas e reflexões:  
Da fala da música aos meandros do desenho

Maria Lucia Bueno  
Renata Oliveira Caetano  
Marta Castello Branco

e econômicas se façam ouvir, e vice-versa: o que acontece em um ciclo de mudança mútua. Música de resistência, música de convivência, reações diferentes de indivíduos também diferentes que, no entanto, permitem-nos ouvir os ecos de momentos históricos, paradigmas, ideais... O trabalho de Cesar Buscacio e Virgínia Buarque, *A música de Claudio Santoro e o giro cultural, epistemológico e político de 1968*, apresenta a estreita relação entre expressão musical e sua recepção, a exemplo da música eletroacústica de Santoro, que não necessariamente agradava ao público geral da época ou aos políticos de então, mas que traz à tona as consequências diretas das articulações entre música e sociedade e toca os temas da modernidade, da música urbana, da democratização da música, e da cultura em geral.

A fala da música também pode ser ouvida através da obra da compositora, maestrina e pianista carioca, Chiquinha Gonzaga (1847-1935), que dialoga com movimentos políticos, culturais e sociais, como revela o estudo de seu teatro musicado apresentado por Maristela Rocha em *Chiquinha Gonzaga e a consagração no teatro musicado: "A Corte na roça" e "Forrobodó" apontam o caminho*. Seu trabalho esclarece como a compositora se utilizou do teatro musicado para revelar diferentes aspectos da sociedade carioca.

A fala da música dá voz a processos de legitimidade e ascensão social apresentados por Daniela Vieira dos Santos em *"Sonho Brasileiro": Emicida e o Novo Lugar Social do Rap*. A autora provê uma análise do comercial "Sonho Brasileiro" (2011), onde o rapper paulistano, Emicida, questiona a ideia do Brasil como um "país do futuro", em um diálogo que não deixa de revelar ambivalências de um novo lugar social e simbólico do rap no Brasil da Era Lula, expressado em suas canções.

Para além dos dossiês, o número ainda apresenta dois artigos. Em *Personagens grotescos: paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe* Martinho Alves da Costa Junior e Luisa Pereira Vianna constroem uma reflexão em torno de duas obras de James Ensor (1860-1949): *Rei Peste* e *Hop-Frog*. Ambas as obras foram criadas a partir a textos do escritor Edgar Allan Poe (1809-1849), que também serviram de fonte de inspiração para outros inúmeros artistas. Trata-se de uma análise aprofundada da construção da imagem nessas obras de Ensor, que se desenvolve estabelecendo



Narrativas e reflexões:  
Da fala da música aos meandros do desenho

Maria Lucia Bueno  
Renata Oliveira Caetano  
Marta Castello Branco

aproximações críticas com os trabalhos de outros artistas que ilustraram textos de Poe, destacando nesta contraposição as distinções entre os tratamentos e as perspectivas dos diferentes ilustradores.

Em “Futuro e passado no Museu do Amanhã”, Nathalia de Paula Bernardo Vianna e Sabrina Parracho Sant’Anna fazem uma análise do Museu do Amanhã no Rio de Janeiro, a partir de dois pontos de vista: aquele apresentado no discurso dos atores envolvidos no projeto e o expresso na exposição permanente da instituição. As narrativas sobre uma ausência da memória em detrimento de um discurso sustentável fundamentaram as reflexões críticas das autoras que apontam como, de forma indireta e por meio de conceitos de passado e futuro, a memória está presente no local.

Na seção Escritos de artista trazemos duas incursões em torno do desenho. Em *O desenho e o corpo como meio de expressão do desejo* Andréa Dulianel parte do entrecruzamento entre a sua produção artística e a abordagem teórica, para apresentar algumas reflexões que extraídas de sua pesquisa de doutorado. O texto se estrutura a partir de dois eixos explorados no processo de criação em desenho: a materialidade e a efemeridade. Além de questões referentes às intenções artísticas e às descrições do processo, Dulianel também fornece visibilidade a algumas técnicas na construção e desconstrução da imagem.

Encerrando o número, o ensaio *Desenho: performance e vídeo. A Boîte à dessin do Atelier D43*, da artista gaúcha Tereza Poester, traz os resultados de uma experiência de pesquisa em torno dos diálogos do desenho com as novas tecnologias e as linguagens artísticas contemporâneas, realizada no Atelier D43, do espaço cultural Anis Gras, na França, em 2016. Para Poester o desenho sobrevive “por ser capaz de registrar o corpo em movimento”. Sendo assim, “o ato de desenhar se converte numa atividade necessária num mundo automatizado”. Trata-se de uma investigação que visa ampliar a percepção das possibilidades do desenho dentro e fora da Universidade.

### Referências

FLUSSER, Vilém. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

FLUSSER, Vilém. *Na Música*. São Paulo: Annablume, 2017.

